

# O MOMENTO INTERNACIONAL

As bienais andam mesmo em crise por toda a parte. Antes de sua abertura, a Bienal dos Jovens de Paris já suscita dúvidas e objeções ponderáveis. A tentativa de seus organizadores de dar a ela a feição mais avançada, no que se refere a correntes artísticas, não parece ter afugentado o espectro que anda assombrando as instituições similares. George Boudaille resolveu que todos os seus colaboradores na organização da mostra deviam ser também tão jovens quanto os artistas — ou seja, com menos de 35 anos de idade. A conclusão a que chegaram foi a seguinte: uma bienal com três seções distintas e independentes: arte conceitual — é claro, é claríssimo —, intervenções do artista sobre a paisagem ou a cidade e hiper-realismo. A finalidade confessa dessa organização é didática — a única, segundo seus organizadores, capaz de justificar o evento. O mais curioso é que este didatismo é encarado como necessário à situação atual de Paris no mundo artístico. Catherine Millet, uma das jovens responsáveis pela Bienal refere-se explicitamente a um “deserto parisiense” que o certame talvez consiga fecundar e povoar. Será mesmo? Parece difícil que a solução para um deserto parisiense na criação artística possa ser “solucionado” por meios didáticos — a despeito de todo o cartesianismo francês. Contra este didatismo rebelou-se, porém, uma parte da jovem comissão, que desejava realizar a Bienal à maneira de uma “feira de arte”, recusando uma seleção crítica que inevitavelmente favoreceria o **avant-garde** institucionalizado. Os rebeldes afastaram-se da Bienal; mas mesmo seus oponentes, que tiveram seu ponto de vista didático vitorioso, lançam grandes lamentos sobre intervenções administrativas na organização da mostra.

Por sua vez, os responsáveis pela Bienal de Veneza em 72 preferem marcar passo, dar tempo ao tempo — esperar talvez pelos resultados de Paris e de São Paulo. Haverá então ainda tempo para novas resoluções?

O fantasma das bienais talvez comece agora a assombrar os museus também. Recentemente, duas grandes crises sacudiram o Guggenheim de Nova York. A primeira, acêrca da retirada de uma tela

de Daniel Buren da “VI Internacional Guggenheim”; a segunda, de conseqüências mais drásticas, simplesmente o cancelamento de uma grande exposição de Hans Haacke, devido à recusa, por parte do artista, em aceitar o veto da Diretoria do Museu a algumas de suas obras. Além de cancelar a mostra, a Diretoria simplesmente demitiu Edward Fry do cargo de conservador do Museu, porque Fry havia-se rebelado contra a censura à obra de Haacke.

No panorama definido pela **conceptual** e as correntes a ela mais afins, as realizações — não propriamente os projetos — de Christo já parecem algo acadêmicas. A última de Christo é a suspensão de uma cortina de **nylon** transversalmente a um **canyon** nas Montanhas Rochosas do Colorado. A extensão da cortina é de cerca de 400 metros, e sua altura máxima superior a 100 metros. Galerias e museus financiarão o projeto, em troca de obras do artista.

Em Gottingem e em Zagreb, duas grandes internacionais definidas em torno do conceito de **vanguarda**, especializam-se na **conceptual**. Em Colônia, uma grande retrospectiva da década dos 60, concentrada sobre os artistas e as correntes que parecem projetar-se para os 70; entre os primeiros, Ben Vautier, Rauschenberg, Beuys, Oldenburg, John Cage, Kaprow e Paik. Em Amsterdam — e, em seguida, em Nuremberg, Stuttgart e Oxford — uma retro da poesia concreta, com grande destaque do grupo Noigrandes de Grunewald, Pignatari e os irmãos Campos. Em Milão, a primeira grande retrospectiva européia do **enfant terrible** Man Ray, acompanhada de um catálogo monumental justamente intitulado “Man Ray, 60 anos de liberdades”. Também em Amsterdam, uma expô “Arte e Luz”, que bem poderia ter servido de protótipo para a futura mostra no Arte Moderna do Rio, patrocinada pela Eletrobrás — sobre a qual em breve faremos um comentário antecipado, nesta coluna. Em Roma, uma imensa “saudo-sista” de Giacomo Balla. Em Dortmund, Gillo Dorfles apresenta os “Onze Italianos” que a seu ver são os mais importantes do momento; entre eles, Ceroli Marotta e Alvianni. Em Munique, o nosso Sérgio Camargo. E, em Nova York, Vieira da Silva.